

O sistema de transitividade e a resistência feminista ao discurso de ódio à mulher

Sergiana Cortez de Abreu¹

RESUMO:

O presente artigo é um recorte de dissertação sobre estratégias linguístico-discursivas adotadas pelas feministas no combate aos discursos de ódios antifeministas. Buscando aprofundar a proposta teórica do Sistema de Transitividade (HALLIDAY, 1994) e alinhá-la com a Análise de Discurso Crítica (FAIRCLOUGH, 2001), esse artigo busca analisar como as feministas articulam os recursos léxico-gramaticais de seus discursos para desconstruir e combater os discursos antifeministas de ódio às mulheres. A metodologia usada é de caráter qualitativo por meio da qual geramos um *corpus* de resistência feminista, extraído da fanpage Empodere duas mulheres, constituído por três comentários feministas de 2018 que contra-argumentam com discursos historicamente compartilhados em sociedades patriarcalistas e inflamados pelo antifeminismo. A análise dos dados nos permitiu chegar a processos relacionais, verbais, materiais e mentais, circunstâncias de tempo e modo e participantes que se beneficiam e atuam no Feminismo. A identificação e interpretação semântica dessas entidades no contexto em que foram inseridas mostram que há uma resistência feminista às práticas do ódio nos discursos reducionistas, conservadores e machistas do antifeminismo. Assim, a conclusão é a de que o Feminismo é experienciado e representado socialmente nos discursos feministas como um movimento empático e inclusivo que luta pela liberdade e equidade entre os gêneros, o empoderamento feminino e denuncia práticas machistas e de opressão social.

PALAVRAS-CHAVE: Feminismo. Discurso de ódio. Resistência.

1. INTRODUÇÃO

A atualidade é marcada pelo uso de tecnologias que geram tanto informação quanto comunicação. Nesse novo contexto de realidade virtual, as tecnologias digitais moldam os discursos dos usuários e o ato comunicativo passa a ter um processo mais participativo, colaborativo e solidário. Assim, a produção, o consumo e a distribuição de conteúdo nesses ambientes têm assumido proporções astronômicas. Para Levy (1999, p. 75),

um mundo virtual, no sentido amplo, é um universo de possíveis, calculáveis a partir de um modelo digital. Ao interagir com o mundo virtual, os usuários o exploram e o atualizam simultaneamente. Quando as interações podem

¹Mestra em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Especialista em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Graduada em Letras-Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: sergiana.ca@gmail.com.

enriquecer ou modificar o modelo, o mundo virtual torna-se um vetor de inteligência e criação coletivas. (LEVY, 1999, p.75).

Além disso, os atores sociais desses ambientes se legitimam através do que enunciam, pois as trocas comunicativas moldam uma imagem de si por meio de práticas sociais que marcam seu lugar de fala, e constroem uma representação social de si e/ou de um grupo social do qual seja partícipe. É nesse sentido que essa pesquisa assume a posição de que os discursos são práticas sociais e como tal, são modos de ação, por meio dos quais os sujeitos agem sobre o mundo e sobre os outros. Em função disso, os discursos são modos de representar e tornar o mundo significativo (FAIRCLOUGH, 2001).

Assim, nesse contexto de mídias digitais, surgem as redes sociais virtuais, como estruturas que transformam os sujeitos dos espaços virtuais, dando-lhes autonomia e emancipação. Esse novo sujeito discursivo migra do papel social de reprimido e passivo, no qual é mero receptor de conteúdo para um de querer ser e se fazer ouvido por meio da produção e distribuição de conteúdo que forja a sua identidade nesse ciberespaço.

Esse contexto permitiu que muitos grupos se organizassem para enunciar suas questões de interesse. Desse modo, por meio da apropriação das tecnologias digitais que ambientam as redes sociais, a luta feminista encontrou um espaço que permitiu o fortalecimento de sua expressão gerando um ativismo digital que originou um fenômeno denominado ciberfeminismo (ALBU, 2017). Isso proporcionou ao Feminismo uma trajetória com “maior visibilidade, disseminação de ideias, aderência de novos adeptos, além de possibilitar uma contrarresposta às veiculações consideradas machistas, acarretando, por fim, em conquistas concretas aos movimentos” (LANGNER; ZULIANI; MENDONÇA, 2015, p.13).

Dessa forma, o ciberfeminismo se define como “uma prática feminista em rede, que tem por intuito, tanto politicamente, quanto esteticamente, a construção de novas ordens e desmontagem de velhos mitos da sociedade através do uso da tecnologia” (LEMOS, 2009, p.9), ou seja, enquanto fenômeno social e político busca, através do ambiente digital, fazer militância, construir práticas de resistência, (des)construir conceitos e construir uma imagem identitária do movimento por meio de práticas discursivas afirmativas.

No entanto, assim como o Feminismo ganhou maior visibilidade e novos adeptos por meio das redes virtuais, discursos, impulsionados pelo Antifeminismo, também granjearam notoriedade por meio de práticas sociais que buscam depreciar, desqualificar e deslegitimar a luta feminista, além de confundi-la com o desejo de vitimização da mulher ou de

superioridade feminina. A crítica antifeminista no Brasil, segundo Schmidt (2006), é alimentada no dia a dia pelo senso comum através da produção e circulação de bens culturais. Além disso, é na área acadêmica que, segundo a autora, o discurso antifeminista “se dissemina em discursos reducionistas, de conotação pejorativa e preconceituosa. Vulgarizar o feminismo e associá-lo às noções de marginalidade e anacronismo para marcar a natureza de algo que não é bom, sadio e desejável para a sociedade brasileira” (SCHMIDT, 2006, p.766).

No Brasil, em 2018, em reação ao fortalecimento do movimento feminista, aconteceu, na cidade do Rio de Janeiro, o 1º Congresso Antifeminista. Um evento organizado, em sua maioria por mulheres, mas que contou com a participação majoritariamente masculina. Durante o evento, segundo a reportagem da revista *Época* (2018), o discurso difundido foi alicerçado na tentativa de construir uma imagem negativa e inferiorizada do Feminismo. Houve a associação do Feminismo ao anticristianismo e ao comunismo e às ideias de sujo e feio.

Os discursos de ódio contra as mulheres e o Feminismo ficam mais acentuados com a ascensão da extrema direita ao poder, com discursos conservadores e religiosos que marginaliza todos que transgridem com os padrões sociais ou que não seguem a norma patriarcal. Assim, ficam em evidência discursos que associam a existência da mulher a “fraquejada” de um homem, e que as reduzem a papéis relacionados ao âmbito da família. Além disso, as manifestações antifeministas buscam ridicularizar pela aparência as integrantes do Feminismo relacionando-as a representações estereotipadas como: lésbicas, mal-amadas, feias, sujas, histéricas, entre outras. Nesse contexto, o ódio tem sido um discurso intolerante na medida em que é a munição das diversas práticas discursivas do antifeminismo tanto em interações online quanto off-line que exclui e marginaliza as mulheres e adeptos do feminismo.

Considerando isso, o presente artigo, que é fruto do recorte de dissertação sobre estratégias linguístico-discursivas adotadas pelas feministas no combate aos discursos de ódios antifeministas, tem o propósito de apresentar a descrição e a interpretação da identidade feministas através da análise do sistema de transitividade mobilizado no contradiscurso feminista de combate às ideologias antifeministas, pois, por meio da análise das escolhas léxico-gramaticais que fizemos, foi possível construir uma compreensão do modo como a realidade é representada e experienciada pelas feministas diante das práticas antifeministas. Como mostraremos adiante, essas representações são orquestradas através da escolha dos processos, participantes e circunstâncias presentes nas orações.

Desse modo, entendemos com Abreu (2020, p. 80) que, analisar as práticas discursivas das feministas sob a ótica da transitividade, torna possível “reconhecer e interpretar as implicações dessas relações nos sistemas de conhecimento e crença defendidos pelo movimento e pelas feministas, além das possíveis significações políticas e ideológicas que emerge dessas construções sintáticas e reconhecer quem as mobiliza”.

Além desta introdução por meio da qual construímos o objeto de estudo, a distribuição das informações com a qual organizamos o artigo está assim delineada. Inicialmente apresentamos os aportes teóricos que embasam a nossa argumentação a qual se alicerça na Análise de Discurso Crítica (FAIRCLOUGH, 2001) e no Sistema de Transitividade (HALLIDAY, 1994). Em sequência, esboçamos um breve percurso da luta feminista até o ciberfeminismo, com destaque para a representação do Feminismo e da mulher feminista sobre a ótica do antifeminismo. Subsequentemente, apresentamos a metodologia adotada na pesquisa, ressaltando a delimitação do *corpus* usado para a análise. Na sequência, analisamos a representação da luta feminista por meio da análise das construções léxico-gramaticais presentes no contradiscurso feminista de combate as ideologias do antifeminismo, promovendo um maior entendimento da identidade feminista defendida pelo Feminismo. E por fim, apresentamos os resultados obtidos com as análises em um tópico intitulado como conclusão.

2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

2.1. Análise de Discurso Crítica

Nos anos 90, combinando Linguística e Ciências Sociais, surge um modelo teórico-metodológico impulsionado por Norman Fairclough voltado para a interface das práticas sociais e linguagem: a Análise de Discurso Crítica (ADC). Por meio dessa interface e a partir do pressuposto de que a sociedade se revela através da linguagem e é por meio dela que é representada observa-se uma estreita relação entre a linguagem e a dimensão social. Com isso, o referido linguista postula que o uso da linguagem – discurso – não apenas é uma prática social, isto é, um modo de agir do sujeito sobre o mundo e outros sujeitos, como também permite representar esse mundo, tornando-o significativo (FAIRCLOUGH, 2001).

Sobre o discurso Fairclough (2001) afirma que

O discurso é moldado e restringido pela estrutura social no sentido mais amplo e em todos os níveis: pela classe e por outras relações sociais em um nível societário, pelas relações específicas em instituições particulares, como

o direito ou a educação, por sistemas de classificação, por várias normas e convenções, tanto de natureza discursiva como não discursiva, e assim por diante. [Além disso], o discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que direta ou indiretamente, o moldam e o restringem: suas próprias normas e convenções, como também relações, identidades e instituições que lhe são subjacentes. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91).

Ou seja, existe uma relação dialética entre discurso e estrutura social. Dessa forma, o discurso tanto é socialmente constitutivo – por meio do discurso se constituem estruturas sociais – quanto é constituído socialmente –(FAIRCLOUGH, 2001) os discursos variam de acordo com as ordens do discurso em que são gerados. O discurso enquanto prática social sofre investimentos ideológicos (sistema de crenças e de valores) provenientes da interação entre os sujeitos e o sujeito e o mundo. Por outro lado, permite a representação de uma sociedade e a possibilidade de transformá-la a partir da relação que possui com a estrutura social, denunciando relações opressoras, por exemplo, servindo de mecanismo de conscientização social.

Sob essa ótica, Resende (2006, p. 1076) reflete que a ADC é “uma proposta capaz de mapear relações entre os recursos linguísticos utilizados por atores sociais e aspectos da rede de práticas em que a interação discursiva se situa”. Considerando essas premissas, a ADC procura analisar não apenas o papel que a linguagem ocupa na reprodução das práticas sociais como também as relações entre a linguagem e os distintos momentos de práticas sociais que mobilizam conhecimentos, saberes, atitudes e ideologias que são socialmente partilhadas.

A ADC fornece um instrumental que possibilita para além de investigar essas relações entre discurso e prática social, revelar, desnaturalizar e desarticular crenças e valores enraizados na estrutura social que servem de suporte para consolidação de sistemas de dominação. Concomitantemente a isso, a ADC favorece a descrição, a interpretação e a explicação dos modos como ocorre a legitimação de discursos como ferramenta de emancipação social de grupos que sofrem com estruturas de poder que os marginalizam e os excluem socialmente.

No presente artigo partimos do princípio de que o Feminismo e as feministas são alvo de discurso de ódio que mobiliza eventos discursivos para construir uma imagem identitária negativa do movimento feminista a fim de, por meio de representações estigmatizadas, preconceituosas e intolerantes, deslegitimar a luta e excluir socialmente os que são adeptos das pautas feministas. Dessa forma, a presente pesquisa proporciona prestigiar o lugar de fala

ocupado pelas feministas em resposta aos discursos de ódio de que são vítimas, pois as feministas são um duplo alvo desses discursos, por serem mulheres, grupo social historicamente marcado pela marginalização e opressão social e também por lutarem em favor de ideologias que objetivam a inclusão, a igualdade, o respeito e a transgressão às normas sociais que apequenam e emudecem as mulheres. Acreditamos que os discursos que se opõem ao Feminismo e que constroem uma imagem discursiva falseada do movimento são carregados de marcas discursivas que revelam valores culturais estruturalmente machistas e são forjados em discursos religiosos e em discursos com base no ideal da famigerada família tradicional.

Considerando que a ADC tem uma preocupação com a reprodução, manutenção e transformação das práticas sociais cabe ao analista do discurso crítico direcionar seu olhar para as relações de poder que estão forjadas nessas práticas do ódio e que normalizam esses discursos intolerantes, segregacionistas e preconceituosos na sociedade. Assim, buscando combater essas práticas desenfreadas de normatização do ódio pela sociedade pós-moderna é que priorizamos analisar o discurso contra-argumentativo feminista frente aos discursos de ódio antifeministas. Ou seja, a atitude responsiva ativa² das feministas diante de práticas de deslegitimação, preconceito e intolerância contra o feminismo, as feministas e consequentemente, as mulheres como um todo.

No contexto de nossa pesquisa, os discursos feministas que analisamos, são carregados de marcas ideológicas próprias do movimento feminista e se configuram em respostas a enunciados anteriores que estão inseridos em um contexto de ódio a esse movimento. Tais *respostas* são enunciados que desencadeiam em uma nova réplica promovendo um diálogo entre os interlocutores. Os enunciados decorrentes dessas trocas enunciativas entre os usuários da rede são fruto da interpretação dos ouvintes que estão tendo contato com os enunciados e a partir dessa compreensão é que se estabelece a atitude responsiva ativa.

²Nesta pesquisa, compartilhamos da definição bakhtiniana sobre atitude responsiva ativa. Segundo Bakhtin, essa ação consiste em: “[...] o ouvinte, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, ocupa, simultaneamente em relação a ele, uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc.; essa posição responsiva do ouvinte se forma ao longo de todo processo de audição e compreensão desde o seu início, às vezes literalmente a partir da primeira palavra do falante (2003, p.271)”.

Diante do exposto, recorreremos analisar os contradiscursos³ das feministas à luz do Modelo Tridimensional de Fairclough que considera que os discursos possuem três instâncias, camadas analíticas: o texto, a prática discursiva e a prática social. Recorreremos ao modelo tridimensional por permitir “avaliar as relações entre mudança discursiva e social e relacionar sistematicamente propriedades detalhadas de textos às propriedades sociais de eventos discursivos como instâncias de prática social” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 27). Resende e Ramalho (2009, p. 28) ao citar a análise tridimensional e as três instâncias analíticas do discurso proposta por Fairclough mostram:

A prática social descrita como uma dimensão do evento discursivo, assim como o texto. Essas duas dimensões são mediadas pela prática discursiva, que focaliza os processos sociocognitivos de produção, distribuição e consumo do texto, processos sociais relacionados a ambientes econômicos, políticos e institucionais particulares. (RESENDE E RAMALHO, 2009, p. 28)).

Essas dimensões analíticas do discurso que acontecem concomitantemente, segundo Fairclough (2001, p. 101), possuem categorias analíticas, como vocabulário, gramática, coesão e estrutura textual na dimensão textual; à produção, distribuição e consumo de textos através da coerência textual, da intertextualidade, da interdiscursividade e da força ilocucionária para a dimensão da prática discursiva; e a ideologia e hegemonia para a dimensão da prática social. Nesse artigo, nosso foco encontra-se na análise da categoria analítica gramática da dimensão textual. Através da descrição e interpretação do sistema de transitividade, ou melhor, dos participantes, processos e circunstâncias expressos nos discursos feministas pretendemos reconhecer as experiências, os estados e os eventos do mundo representados pelas (anti)feministas e com isso, reconhecer a base dos discursos que revelam e combatem estruturas de poder que alimentam práticas do ódio e que oprimem as mulheres.

A fim de esclarecer como a análise textual, por meio do sistema de transitividade, colabora para a construção desse contradiscurso de resistência feminista e depreender as relações indissociáveis entre a linguagem, o sujeito e a sociedade é que no próximo tópico, detalharemos as premissas desse modelo analítico proposto por Halliday (1994).

³Entendemos como contradiscurso a visão adotada por Bakhtin, que o define como “a compreensão de uma fala viva, de um enunciado vivo é sempre acompanhada de uma atitude **responsiva ativa** (conquanto o grau dessa atividade seja muito variável); toda compreensão é prenhe de resposta e, de uma forma ou de outra, forçosamente a produz: [...] o ouvinte que recebe e compreende a significação de um discurso adota simultaneamente, para com esse discurso, uma atitude **responsiva ativa**: ele concorda ou discorda (total ou parcialmente), completa, adapta, apronta-se para executar. (grifos nossos, 1992, p. 290)”.

2.2 Sistema de transitividade

Michael Halliday é conhecido por sua abordagem Linguística Sistêmica-Funcional (LSF), por ter como foco o estudo da gramática funcional, ou seja, o uso da língua e sua relação dialética com a sociedade. Dessa forma, esse autor concebe a gramática como “uma série de recursos para descrever, interpretar, fazer e significar” (BUTT et al., 1995,p.11) a vida social a partir da linguagem.

A partir dessa ruptura com a descrição formal da linguagem, a LSF contempla tanto aspectos textuais quanto a indissociabilidade entre forma linguística e significado, ou seja, a relação entre o contexto social e o texto, razão pela qual a ADC se beneficia com essa proposta. Nessa perspectiva, está posto que o uso da linguagem por cada falante determina o sistema linguístico e assim, Halliday constata que a LSF auxilia os analistas a compreenderem como que a linguagem se estrutura para o uso quando os falantes estão gozando da linguagem em suas interações sem restringir a análise apenas a palavras, sentenças ou textos isolados, mas em contexto, levando em consideração a relação semântica (significados), as escolhas léxico-gramaticais e a influência do contexto⁴ nessas escolhas.

Estabelecidas essas premissas, Halliday (1978) propõem três metafunções que agem de forma complementar e simultânea: a ideacional, a interpessoal e a textual para a explicação e análise dos enunciados que constituem a língua dos falantes. No entanto, aqui, nosso foco é a metafunção ideacional por ser a responsável pela representação da realidade, ou melhor, das experiências, estados e eventos no mundo dos falantes e do mundo internos das próprias vivências desse falante. Isso ocorre, pois

O componente ideacional ou experiencial é a expressão linguística da experiência do falante do mundo externo, incluindo o mundo interno de sua própria consciência – suas emoções, percepções etc. Esse componente da gramática fornece um modelo conceitual para a codificação da experiência em termos de processos, objetos, pessoas, qualidades, estados, abstrações e relações; por vezes, é denominado ‘cognitivo’ e significado experiencial como ‘significado cognitivo’, embora como sugerido antes todos os componentes supõem um nível cognitivo de organização... O termo ‘experiencial’ torna claro que a função subjacente é vista não como a expressão da ‘realidade’ ou ‘o mundo externo’, mas como a expressão dos

⁴ Halliday define o ‘contexto’ associando a ideia de Contexto de Situação e de Contexto de Cultura. Aquele como propósito comunicativo do texto associado às representações do mundo, a ação social. Este “como um sistema semiótico, manifestado pela linguagem, que ao passo que cria a linguagem também é criado por ela, assim é ele que dá significado às atividades reconhecidas culturalmente, os quais influenciam tanto as palavras quanto as estruturas dos textos” (ABREU,2020, p. 74).

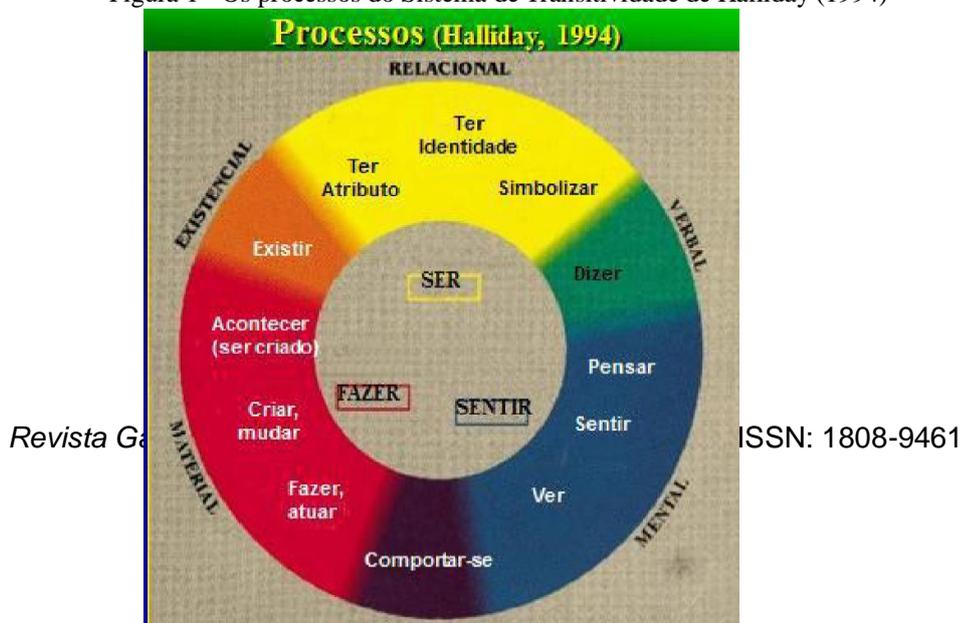
padrões de experiência; o conteúdo dado para um enunciado por essa porção do sistema da linguagem derivar da experiência compartilhada daqueles que participam na situação discursiva (HALLIDAY, 1968, p.209).

Vê-se então, que essa metafunção diz respeito a como a linguagem é codificada para representar os objetos e suas relações com o mundo a partir de um quadro mental do mundo pelo falante. Fairclough (2001) se ampara nessa metafunção para a sua teoria tridimensional e se torna necessária em nossa pesquisa ao lidar com a desconstrução ideológica dos discursos de ódio antifeministas, pois, nesse artigo, iniciamos nossa análise a partir da representação do movimento e seu coletivo sob a ótica do antifeminismo, e só então, descrevemos e interpretamos as autorrepresentações, experiencições, quadros mentais das feministas sobre esse objeto ideacional e sua relação com o mundo.

Halliday propõe o *sistema da transitividade* como categoria analítica da metafunção ideacional para revelar e compreender a relação semântica que surge das escolhas linguísticas das estruturas léxico-gramaticais presentes nas orações, nos enunciados. Dessa forma, o autor considera três elementos ideacionais, experienciais básicos para compor o *sistema de transitividade*, são eles: os processos (verbos que expressam um modo de agir, de ser, de pensar, de sentir, isto é, uma ação, evento, um estado, um processo, um sentimento, um existir), que ocupam o papel central nas análises por identificarem as experiências com o mundo, com o que está sendo representado a partir dos e nos enunciados, os participantes (grupos nominais que determinam quem age, sente, existe, fala, encontra-se em determinado estado) e as circunstâncias (advérbios que revelam e expressam o modo, o tempo, o lugar, entre outros). Esses constituintes auxiliam a revelar quem faz o quê, a quem e em que circunstâncias.

Na figura 1 abaixo podemos ver como Halliday (1994) organiza os processos:

Figura 1 - Os processos do Sistema de Transitividade de Halliday (1994)



Fonte: Adaptado de Halliday (1994)

A partir da figura 1 podemos identificar três grupos processuais principais que irão nortear as experiências humanas: **o material** (*o fazer e o acontecer do sujeito* - voltado para as ações e os eventos), **o mental** (*o sentir do sujeito* - refere-se aos registros de ordem cognitiva, perceptiva, desiderativa e emotiva) e **o relacional** (*o ser do sujeito* - são as relações e estados abstratos entre o mundo real e o cognitivo). Há também outros três processos que auxiliam na construção e transformação das experiências dos significados: **o verbal** (*o modo de dizer do sujeito*), **o comportamental** (*o comportar-se do sujeito* - o agir que expressa comportamentos físicos/ou mentais) e **o existencial** (*o existir do sujeito* - reflete ou experiencia o reconhecimento ou a identificação da existência de um mundo real, um fenômeno ou evento da natureza).

Cada um dos processos possui um universo de participantes que atuam para determinar as ações, atividades, experiências e representações dos sujeitos sobre o mundo. Nesse sentido, no quadro 1, representado abaixo, apresentamos um resumo dos processos, seus significados e participantes:

Quadro 1 - Panorama geral dos processos, seus significados e participantes do Sistema de Transitivity de Halliday (1994)

PROCESSO	SIGNIFICADO	PARTICIPANTES OBRIGATÓRIOS	PARTICIPANTES OPCIONAIS
Material	Fazer, acontecer	Ator	Meta, Extensão e Beneficiário
Mental	Sentir	Experienciador e Fenômeno	-
Relacional: Atributivo Identificativo	Ser Classificar Definir	Portador e Atributo Característica e Valor	-
Verbal	Dizer	Dizente e Verbiagem	Receptor
Existencial	Existir	Existente	-
Comportamental	Comportar-se	Comportante	Fenômeno

Fonte: Quadro tomado de empréstimo de SOUZA, 2006.

No **processo material**, temos como participantes o *ator* (representa a entidade que realiza/ faz a ação), a *meta* (representando o que foi feito, o objetivo do processo), o *beneficiário* (simbolizando a entidade que se beneficiará da ação ou que será atingida por essa ação). O **processo relacional** pressupõe participantes que podem ter uma qualidade ou característica ou a própria qualidade atribuída, ou melhor, os valores, atributos, circunstâncias, posses e identidade de uma entidade. Nesse processo, por exercer duas funções: *atribuir* e *identifica* essas qualidades, pode ser respectivamente um processo relacional atributivo (atribui uma experiência, uma qualidade inerente a uma entidade) onde os participantes são o *portador* e o *atributo* ou um processo relacional identificativo (identifica/ define os valores e as características das entidades envolvidas), com participantes do tipo *identificado* e *identificador*. No **processo mental**, por outro lado, os agentes do processo são o *fenômeno* (participante que sofre os efeitos do processo) e o *experienciador* (entidade consciente do sentir, perceber, compreender, desejar e pensar um fenômeno).

No quadro 1, podemos identificar também, os participantes, presentes no **processo verbal**, que falam, comunicam, dizem algo (*o dizente*), aquilo que se fala, que se comunicou, que se disse (*a verbiagem*), o receptor do processo, a quem se destina todo o processo verbal, ou seja, é o participante atingido pelo processo de dizer algo (*o alvo*). Já no **processo existencial**, possui um único participante, *o existente*, que pode ser um evento ou fenômeno de qualquer natureza que complementar os processos formados por verbos da ordem do *haver* e do *ter* com sentido de *existir*, por exemplo. E no **processo comportamental** encontramos o *comportante* como entidade-participante que representa aquele que se comporta de determinada maneira.

Assim, direcionamos a nossa análise para a transitividade verbal, isto é, para as relações das palavras em orações e frases, dentro de um contexto, verificando como interagiram os elementos léxico-gramaticais que formam os contra-argumentos das feministas a partir da identificação dos processos (*atividades humanas*), dos participantes desses processos e das circunstâncias que materializaram os processos expressos nos discursos feministas. Esses constituintes sintáticos de transitividade denunciam representações do Feminismo e das feministas presentes tanto no antifeminismo quanto no discurso feminista,

permitindo reconhecer e interpretar as possíveis significações políticas e ideológicas que emerge dessas construções sintáticas e quem as mobiliza.

Os próximos dois tópicos são destinados à construção de um panorama da luta feminista e do sistema de crenças e valores defendidos pelo movimento feminista e antifeminista a fim de contextualizar os discursos que analisaremos.

2.3 Do Ciberfeminismo ao contra-ataque ao Feminismo

Faz-se necessário iniciarmos esse tópico reconhecendo a pluralidade de vertentes existentes dentro do movimento feminista devido sua tentativa em integrar diversos saberes e experiências sobre o que é ser mulher. Desta maneira, para acolher em suas pautas de lutas as minorias e classes socialmente marginalizadas evidencia-se a existência de feminismos atuantes na esfera social. Sobre isso Costa (2009, p. 4) explicita que, “Diferenciados por conjunturas, os feminismos são vistos, em geral, como irrupções em que, de repente, não mais que de repente, mulheres diversas se juntam, mostram-se “irmanadas” na agitação de “causas” ou motivações políticas que se avolumam e que avançam como onda”.

Apesar dessa multiplicidade de vertentes existentes no Feminismo, Zirbel (2007) elucida esse movimento através do...

[...] reconhecimento de uma raiz comum a todos os feminismos: a luta pela superação das desigualdades entre homens e mulheres e pela autonomia e emancipação das mulheres. Esta raiz pode ser identificada em grupos e contextos históricos os mais diversos. As diferenças ocorrem por conta da interpretação das desigualdades presentes na realidade de cada grupo e nas propostas e estratégias adotadas para superar essas desigualdades e conquistar a autonomia, a emancipação desejada (ZIRBEL, 2007, p. 17).

É nesse sentido que defendo nesse artigo que há no Feminismo um objetivo comum que luta por igualdade, democracia, inclusão, respeito e liberdade perpassando por toda a pluralidade existente dentro do movimento. Com isso, definimos o Feminismo como o “movimento, liderado por mulheres, que busca a emancipação feminina de contextos políticos, culturais, e sociais de opressão motivados pelo patriarcado, é um movimento que tensiona a estrutura social vigente ao propor a igualdade entre os sexos” (ABREU, 2020, p. 100) e que “se constrói coletivamente como uma organização que busca a horizontalidade das relações, um espaço de crítica, de revisão, de troca de experiências, de acolhimento e de conscientização individual” (LIMA, 2018, p.75).

Com o advento da internet e das redes sociais, os grupos políticos têm se organizado nesses ambientes para se mobilizarem e discutirem assuntos políticos consolidados na estrutura social. Surge nesse ambiente um ativismo online, um ciberativismo, que atinge diversos indivíduos ao mesmo tempo ao romper com as barreiras do tempo e do espaço. Isso possibilitou potencializar as pautas de luta, ampliando os números de adeptos desses movimentos e incentivando ações ativistas, mobilizações e reivindicações. Para Figueiredo (2014, p.76), “o ativismo digital substituiu a antiga militância das ruas e criou um novo modelo de relacionamento, quebrando a lógica vertical do *broadcasting*, na qual poucos falam para muitos. Nas redes sociais, muitos falam para muitos ao mesmo tempo”.

A web2.0 motivou a divulgação das lutas feministas e a base ideológica do movimento, além de facilitar e descentralizar o processo de produção, distribuição e consumo dos conteúdos compartilhados na rede promovendo um movimento de saída de um *não-eu* para um *eu-também*. Ou seja, no ciberfeminismo, esse ativismo feminista que se vale das ferramentas digitais e virtuais, percebe-se um maior protagonismo feminino em lutar pela liberdade feminina da opressão que os padrões sociais impõem sobre as mulheres, promovendo uma contracultura à cultura do machismo enraizada na sociedade moderna. Esse fenômeno faz com que haja, devido aos sujeitos se sentirem motivados a consumirem, distribuírem e produzirem conteúdos feministas, um maior alcance da luta feminista promovendo a legitimação do movimento e potencializando o processo de conscientização e sentimento de pertencimento a causa.

Assim, sob a influência do ativismo virtual, o problema da mulher nos diversos âmbitos da sociedade e a representação do gênero feminino em pleno século XXI foi evidenciado. Além disso, a internet tem estreitado laços e promovido espaço para que o antigo consumidor de conteúdos participe do processo de produção dos mesmos, que se filie a causas que se identifica e compartilhe de suas experiências e pensamentos, tornando-se um cidadão ativo e atuante e não mais apenas passivo. Isso possibilitou que as...

[...] mulheres se permitissem, com coragem e orgulho, se autodenominarem “feministas” e começassem a se questionar abertamente sobre o não lugar ocupado por elas e o não poder ser que lhes foi imposto durante anos pela sociedade patriarcalista que estamos imersos, promovendo um processo de auto(des)construção (ABREU, 2020, p. 99).

Porém, apesar de os últimos anos terem proporcionado maior visibilidade aos embates feministas e facilitado o engajamento de mulheres em coletivos em prol dos direitos das mulheres, do empoderamento feminino e no combate a práticas ofensivas, opressoras e

excludentes às mulheres, pólos opositores, com discursos antagônicos a esse movimento feminista, também têm ganhado novos adeptos.

Os antifeministas, segundo Jerome Himmelstein (1986)– sociólogo norte americano – podem ser definidos como sujeitos que se opõem a ERA (*Equal Rights Amendment*) e ao direito ao aborto, pautas que garantiram bastante visibilidade nas décadas de 70 e 80 pelo movimento feminista. Pesquisas atuais como as de Ronee Schreiber, da Universidade Estadual de San Diego, postulam que nos Estados Unidos, esse antifeminismo começou a ganhar voz e vez a partir do movimento das sufragistas, repercutindo em 1868 no primeiro protesto antissufragista em Massachussets com pautas que iam contra o direito ao voto feminino.

O que se observava era que apesar não ter havido grandes resultados, esse movimento contrário ao feminismo conquistava o apoio de mulheres conservadoras, promovendo movimentos como o NAOWS (*National Association Opposed to Woman Suffrage*). Tal movimento era liderado por Josephine Dodge em 1911 e tinha como pauta a ideia de que o sufrágio seria um obstáculo às regalias do status feminino e que as ideias sufragistas sobrecarregariam as mulheres com deveres para além das funções desempenhadas no âmbito familiar. Assim,

pode-se afirmar que a oposição a luta das mulheres e ao feminismo se alimentou e ganhou força justamente através da retórica da família – da grande e harmoniosa família miscigenada cristã brasileira, na visão idealizada de Gilberto Freyre(1987), em seu clássico *Casa-Grande e Senzala* –, uma retórica que, amparada pelo Estado e pela Igreja desde o passado, vem jogando para baixo do tapete toda a tragédia decorrente do autoritarismo, da violência, da luxúria e da bastardia que marca nossa história. (CRUZ; DIAS. p. 40. 2015).

Inicia-se então, uma corrente com mobilização de ideias que iam à contramão dos ideais feministas. No Brasil, as discussões antifeministas ganham maior visibilidade e engajamento social com ações e contraposições que buscavam depreciar, desestabilizar e deslegitimar o feminismo que, para Schmidt (2006) está enraizado na estrutura social - alimentado pelo senso comum -, através da produção e circulação de bens culturais na esfera pública e na esfera acadêmica com a disseminação de “discursos reducionistas, de conotação pejorativa e preconceituosa. Vulgarizar o feminismo e associá-lo às noções de marginalidade e anacronismo para marcar a natureza de algo que não é bom, sadio e desejável para a sociedade brasileira” (SCHMIDT, 2006, p.766).

As práticas sociais do antifeminismo são marcadas por campos ideológicos que

sustentam o preconceito, a discriminação e a ojerização presentes nos discursos de ódio contra o Feminismo. Segundo Lima (2018),

A zombaria e o descrédito das ideias feministas são meios de invalidar e deslegitimar os discursos das mulheres e os movimentos feministas, geralmente tentando masculinizar as mulheres e tratá-las pejorativamente. Neste caso, os ataques feitos estão arraigados num conservadorismo apegado aos valores morais da cultura patriarcal de dominação masculina. Geralmente, são veiculados através de ironias e piadas, o que tende a deixar essas formas de violência com um caráter muito sutil. (LIMA, 2018. p.58).

Nessa pesquisa assumimos a premissa que tais práticas discursivas promovem a construção de uma visão contrária aos valores feministas, e que despertam o ódio, raivas incontidas, contra o Feminismo e contribuem para a manutenção do status de marginalização das mulheres na sociedade.

Susan Faludi (2001), em seu livro *Blacklash – O contra-ataque na guerra não declarada contra as mulheres* apresentou as críticas que foram feitas ao Feminismo nas últimas décadas. Tais críticas foram descritas pela autora como contra-ataques as práticas e conquistas feministas, representando o movimento feminista como o “vilão” da vida das mulheres e seu “pior inimigo” (p. 9 – 10). A autora também retrata em sua obra a manipulação da mídia na indústria da moda e da beleza representando as mulheres dessa sociedade influenciada pelas práticas feministas como histéricas e que sofrem os efeitos da angústia, da depressão, da infertilidade, da falta de confiança das mulheres modernas e que sofrem os efeitos dos distúrbios promovidos pelo estresse e “solidão da mulher independente”, promovendo uma associação negativa a imagem do movimento (FALUDI, 2001,p.9). Sobre esse fenômeno contra a ascensão dos direitos das mulheres, conceituado como backlash (FALUDI,2001), a autora afirma que...

[...] Toda a vez que as mulheres parecem ter algum sucesso na sua marcha rumo a igualdade, surge uma inevitável geada atrapalhando o florescimento do feminismo. ‘O progresso dos direitos da mulher na nossa cultura, ao contrário de outros tipos de ‘progresso’, sempre foi estranhamente reversível’, observou a estudiosa de literatura americana Ann Douglas. [...] ‘Enquanto os homens prosseguem no seu desenvolvimento, construindo sobre tradições herdadas’, escreve a historiadora Dale Spender, ‘as mulheres ficam confinadas em ciclos contínuos de recomeço’. (FALUDI, 2001, p.65)

Diante dessas reflexões, esse artigo “reconhece a urgência em estudar os discursos feministas que buscam reafirmar a base ideológica do movimento, a partir de uma militância apaixonante, empática e que pratica a sororidade, e com isso, a identidade do Feminismo”

(ABREU, 2020, p. 102). Para esclarecer como conduzimos nossa análise, no próximo tópico, abordarei a metodologia adotada nessa pesquisa.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esse trabalho, visando compreender os investimentos linguístico-discursivos das feministas em ressignificar a representação identitária do Feminismo, busca desconstruir sistemas de crença e de valor que mobilizam e fundamentam discursos de ódio do antifeminismo que marginalizam e oprimem as mulheres e que incentivam práticas sociais machistas e opressoras.

O *corpus* coletado é proveniente de interações sociais do ano de 2018 da fanpage *Empodere duas mulheres* da rede social virtual Facebook. O ano de 2018 foi marcado para o Feminismo por diversos fatos importantes que auxiliaram no fortalecimento e na visibilidade do movimento, como por exemplo, as eleições presidenciais onde o candidato Jair Messias Bolsonaro, de extrema direita, e seus apoiadores, propagavam discursos de ódio às classes marginalizadas, além de discursos misóginos e machistas. A página selecionada, por sua vez, foi fundada no período da primavera feminista, em 2015, no auge do ativismo virtual. As publicações dessa fanpage visam militar em prol das causas feministas e na tentativa de desconstruir ideologias falaciosas disseminadas na sociedade para deslegitimar o movimento. Assim, selecionamos três comentários que dialogam com ideologias antifeministas para analisar como é defendida a imagem identitária do movimento feminista.

No próximo tópico desenvolvemos a análise das três sequências discursivas selecionadas sob a ótica da transitividade verbal de Halliday (1994), pois compartilhamos da ideia de que essa categoria analítica estrutura o modo como os sentidos que emergem das experiências e conhecimentos humanos se organizam. Para isso, verificaremos como ocorre a interação entre os elementos léxico-gramaticais que estruturam os contra-argumentos das feministas que buscam legitimar o movimento e desconstruir discursos antagônicos, preconceituosos, intolerantes, opressores e/ou excludentes propagados na sociedade patriarcal em que estamos inseridos.

Isso acontecerá por meio da identificação dos processos, participantes e acontecimentos/circunstâncias nesses discursos feministas que estão inseridos em um contexto de combate a estereótipos, preconceitos e ódio ao Feminismo, e tentativas de deslegitimação da luta feminista. Concomitante a isso, precisamos salientar que a análise feita

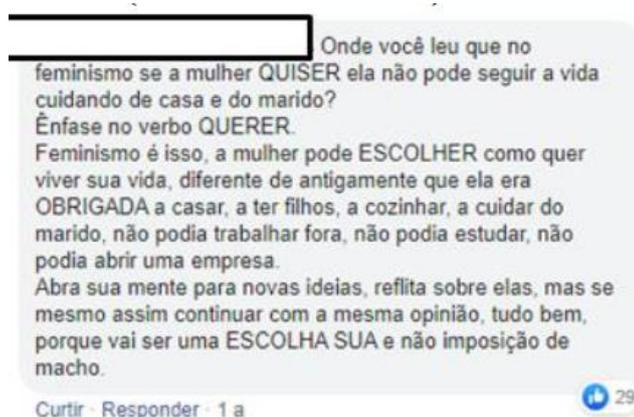
tem como base o discurso como uma prática social que favorece a consolidação de sistemas de crenças (ideologias) e de conhecimentos através da representação do mundo “como ele é” sob a ótica do locutor (FAIRCLOUGH, 2001).

4. ANÁLISE DO CONTRADISCURSO FEMINISTA

Iniciamos essa análise partindo do princípio que o discurso de ódio propagado pelo Antifeminismo ou por sujeitos que não simpatizam ou não se sentem representados pelo Feminismo está forjado no sistema de crença que estabelece para as mulheres uma posição subordinada e que legitima violências contra elas. Além disso, esses discursos da oposição, buscam deslegitimar a luta feminista, construindo, por exemplo, uma imagem do Feminismo como movimento opressor, excludente, que é contra homens e odeia os homens e que tem como apoiadoras da causa mulheres que não se depilam e querem globalizar esse estilo de vida para todas as mulheres.

É tomando como base esse campo ideológico que inicio a análise dos três comentários feministas que irão contra-argumentar com essas ideias e defender o ideal identitário do Feminismo, como movimento tolerante, inclusivo, libertador, e questionador das normas sociais.

Figura 2 - Comentário feminista - QUERER x DEVER



Fonte: FanpageEmpodere duas mulheres,2018.

Iniciamos, então, com a figura 2 onde podemos perceber que o trecho “Onde você leu que no feminismo se a mulher *quiser* ela não pode seguir a vida cuidando da casa e do

marido?” permite que o leitor identifique uma ideologia antifeminista que está sendo contra-argumentada pela feminista. Apreende-se através deste enunciado, que o discurso de oposição ao Feminismo buscou deslegitimar o Feminismo construindo a imagem desse movimento como opressor e excludente para com as mulheres. Isso, pois, segundo a ideologia antifeminista, o Feminismo dita regras a serem seguidas pelas mulheres que excluem atividades familiares e de cunho conservador.

No entanto, na tentativa de refutar essa ideia a feminista defende o Feminismo como sendo um movimento que valoriza e incentiva o *querer* das mulheres, independente de ser no âmbito do lar ou rompendo com ideias e atividades conservadoras, indo na contramão do *dever* que está sendo defendido pelo antifeminismo. Essa oposição entre o *querer* e o *dever* compõem campos semânticos antagônicos, aquele do desejo e esse da obrigação, ambos empregados para construir o contexto de vida das mulheres e valorizar a liberdade defendida pelo movimento.

Para justificar esse contra-argumento feminista o discurso foi estruturado a partir da apresentação da definição de Feminismo presente em: “O Feminismo é isso, a mulher pode *escolher* como quer viver sua vida, diferente de antigamente que ela era *obrigada* a casar, a ter filhos, a cozinhar, a cuidar do marido, não podia trabalhar fora, não podia estudar, não podia abrir a sua empresa.”. Esse enunciado, a partir do processo relacional intensivo identificacional marcado pelo verbo *ser*, apresentará a descrição da atuação feminista e identificará valores e características desse movimento. Nesse trecho identificamos que o substantivo *feminismo* é o personagem identificado central de todo o discurso feminista e o pronome demonstrativo *isso* é estruturado como elemento catafórico que introduzirá os elementos identificadores que caracterizam o movimento.

Para especificar a tese que está sendo defendida pela feminista foi necessário mobilizar outros processos que auxiliarão no esclarecimento da definição do movimento feminista. Além disso, o substantivo *mulher* aparece como o elemento que representa os beneficiadores da luta feminista. Inicialmente o processo material *pode escolher* representa a capacidade das *mulheres* em realizar uma ação que tem como meta *como viver a sua vida*. Com essa afirmação, a feminista defende que com as lutas do Feminismo as mulheres passaram a decidirem sobre as suas vidas e se emancipando das normas que obrigam as mulheres a determinadas funções, oprimindo-as socialmente e tornando-as submissas a outrem. O Feminismo, então, contribui com a transgressão de padrões socialmente impostos às mulheres, porém sem impor os novos comportamentos, mas sim, aceitando e acolhendo

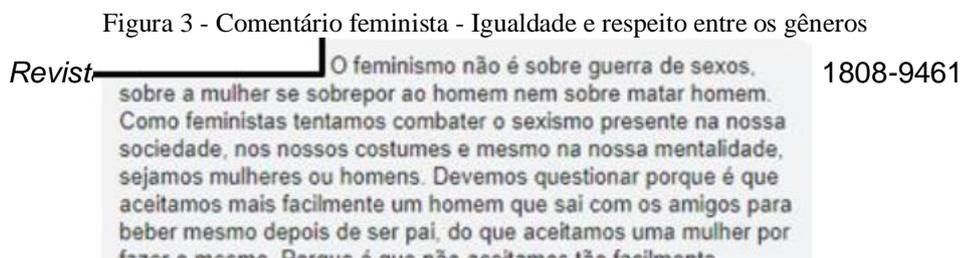
aquelas que fazem suas próprias escolhas e que não impõem ideias para os Outros. Assim, através do verbo desiderativo *querer* que constitui um processo mental e do processo material *poder escolher* se forja a identidade do Feminismo.

Ainda no mesmo trecho, observamos uma relação entre o presente e o passado. Aquele, representando os frutos das lutas feministas, que libertam as mulheres das amarras da obrigatoriedade, da opressão vivida pelo sistema conservador presente na sociedade patriarcal que submetia a mulher apenas ao âmbito familiar e atribuindo valor às mulheres por meio dos seus afazeres no lar. Esse para sustentar argumentos que descrevem a realidade das mulheres em um período anterior às lutas feministas e introduzido por “*ela era obrigada*”. Em tal expressão encontramos o processo relacional intensivo atributivo (*era*) com o sujeito *mulher* sendo o personagem portador de um atributo e *obrigada* como o atributo da personagem portadora.

Nesse campo semântico da obrigação, as mulheres atuavam como seres passivos do processo relacional *era obrigada* e este processo está atrelado a processos materiais como *casar, ter filhos, cozinhar e cuidar do marido*. Dessa forma, o ator *mulher* tinha suas vontades e escolhas anuladas, e que apesar de praticarem tais ações descritas não era ela quem decidia realizar tal atividade, pois lhe era imposto um papel social de mãe, esposa, zeladora do lar.

Para reforçar a ideia de uma sociedade anterior ao Feminismo que era opressora para as mulheres e que não permitia que elas tivessem as “rédeas” de sua própria vida, excluindo aquelas que transgrediam com a norma, a feminista fez uso de argumentos também estruturados no tempo passado para apresentar as proibições impostas as mulheres. Dessa forma, no campo semântico da proibição temos a personagem *mulher* como impedidas de atuarem nos seguintes processos: *trabalhar fora, abrir uma empresa e estudar*. Ações essas que deixam claro o estabelecimento de um *não-lugar* para as mulheres e que, sem elas, poderiam permitir a independência e a liberdade feminina, desestruturando os alicerces que sustentam o sistema político do patriarcado no qual a sociedade está inserida, onde o lugar da mulher está marcado pelo campo semântico do *lar*.

A figura 3 apresentada abaixo expõe de forma implícita outra ideologia antifeminista que será denunciada e ressignificada pelas feministas: a de que o Feminismo tem como pauta de luta a superioridade feminina em relação aos homens e a exclusão dos homens de determinadas atividades sociais devido ao ódio nutrido contra eles pelas feministas.



Fonte: Fanpage Empodere duas mulheres, 2018.

Observamos que nesse excerto da figura 3 houve uma tentativa de desconstruir a associação da identidade feminista a ideias que envolvam o homem através de processos relacionais intensivos identificativos estruturados em enunciados na forma negativa (*não é*) que negam esse sistema ideológico da oposição. Ao introduzir o contra-argumento com o enunciado “O feminismo não é sobre guerra de sexos, sobre a mulher se sobrepor ao homem nem sobre matar homem”, identificamos como participante identificado desse processo o substantivo *Feminismo* que está sendo modificado pela circunstância *sobre*.

Essa circunstância, precedida por uma negação, permite que localizemos os participantes identificadores (*homens/ guerra de sexo/ mulher se sobrepor ao homem/ matar homem*) como sendo o combate, a resistência às referências, aos sistemas de crenças e de valores atribuídos a esse movimento que o representava como excludente e opressor aos homens.

Vale destacarmos que ao haver essa desconstrução ideológica da oposição, a feminista, a partir de processos materiais, detalhados a seguir, buscou definir o ideal feminista, representando a identidade e as pautas de luta do Feminismo a partir de um *fazer* dos sujeitos (*Feministas*) que integram o movimento que está sendo identificado. Assim temos:

- (1) “Como feministas tentamos combater o sexismo presente na nossa sociedade, nos nossos costumes e mesmo na nossa mentalidade.”.
- (2) “Como feministas devemos reconhecer isso.”.

Em (1), através da análise com o sistema de transitividade identificamos o ator implícito (*nós*) referindo-se às mulheres feministas que atuam e defendem as pautas de luta do Feminismo, o processo material (*tentamos combater*) e a meta (*o sexismo presente na nossa sociedade, nos nossos costumes e mesmo na nossa mentalidade*). Ao se referir ao sexismo enraizado na sociedade, a feminista exemplifica ações sociais que censuram, emudecem, excluem e apequenam aqueles que rompem com a norma, ou seja, não somente as mulheres, mas também os homens como, por exemplo, a censura e crítica social estabelecida aos homens que possuem traços rotulados como femininos.

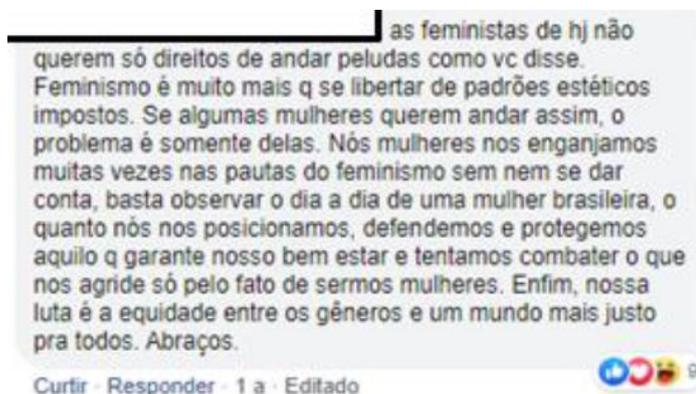
Em (2), reconhecemos também como ator implícito o (*nós*) que faz referência às feministas ativistas. Além disso, consideramos o '*devemos reconhecer*' como o processo material que tem como meta o pronome encapsulador anafórico *isso* que retoma uma ideia apresentada pela feminista em enunciado anterior (*todas as formas de preconceito e discriminação estarem ligadas e contribuir para os grandes problemas sociais que temos*).

Dessa forma, emerge desses enunciados um fazer feminista ligado a ações sociais, independente da classe social, etnia, gênero ou sexo. O que percebemos é uma luta pela ressignificação das relações de poder que excluem, que são intolerantes e preconceituosas com aqueles que transgridem com a base normativa estabelecida pelo sistema conservador do patriarcado enraizado na sociedade. Há nesse discurso feminista uma tentativa de descrever as feministas e o Feminismo como sendo sujeitos que reconhecem o sexismo presente no dia a dia e com isso, a necessidade de mudanças sociais e que lutam pela conscientização das massas, que atuam em diversas questões sociais buscando a igualdade, o respeito e a liberdade de todo e qualquer ser humano. Construiu-se com esse discurso uma imagem identitária do Feminismo como movimento empático, não sexista e ativista contra práticas sociais opressoras e excludentes. Assim, essa identidade representada nesse discurso vai na contramão do discurso antifeminista, ressignificando-o.

Para a próxima análise, consideramos o discurso antifeminista que limita o Feminismo a um movimento que apenas luta pelo direito de as mulheres andarem com pelos. Por trás dessa ideologia de ódio que oprime e exclui socialmente mulheres que transgridem com os padrões estéticos, há um preconceito contra o diferente, com o Outro que não se assemelha com as decisões de quem reproduz a crítica. Visando isso, apresento a análise do discurso feminista representado abaixo na figura 4 que amplia a representação do identitário feminista como a luta pela equidade entre os gêneros, pela justiça para todos, e pela emancipação feminina das amarras da estética. Nesse sentido, a luta feminista e os discursos feministas têm

se apresentado resistentes as práticas opressoras do patriarcado e dos discursos antifeministas machistas que negam às mulheres o direito de escolher sobre a estética de seus corpos.

Figura 4 - Liberdade estética x Opressão social



Fonte: Fanpage Empodere duas mulheres, 2018.

Em “As feministas de hj não querem só direitos de andar peludas como você disse”, podemos localizar a articulação de dois processos que nos auxiliam a reconhecer que há uma ideologia antifeminista que está sendo refutada. O primeiro é o processo verbal (*disse*) que tem como participante o dizente *ocê* (sujeito antifeminista) e a verbiagem (*as feministas de hj só querem o direito de andar peludas*) que pôde ser identificada devido o enunciado que introduz esse discurso feminista. O segundo processo é o mental desiderativo na negativa (*não querem*) que tem como participante experienciador (*as feministas de hoje*) e o fenômeno (*direitos de andar peludas*).

O primeiro processo evidencia um preconceito enraizado na sociedade com relação à estética feminina. O discurso conservador do antifeminismo impõe às mulheres a graciosidade e a feminilidade, assim é necessário que os padrões estéticos impostos sejam obedecidos. Com isso, a manutenção da depilação pelas mulheres é necessária para serem aceitas e inseridas na sociedade.

Em oposição a esse sistema de valor conservador, o segundo processo já descrito vem para apresentar uma negação do Feminismo a essa ideia e uma resistência a limitação da luta feminista presente no discurso antifeminista. Tal resistência fica evidente por meio do advérbio “*só*” que apesar de valor restritivo, foi empregado semanticamente para que lutar pela liberdade estética das mulheres, lutas pela emancipação das amarras do conservadorismo

com relação a aparência feminina é uma das várias pautas de luta do movimento, e não a única.

Há também a interpretação, a partir da demarcação de tempo (*de hoje*) e do sujeito *Feministas* presente em “As feministas de hj”, que existe uma luta das feministas de outrora e da atualidade e que as pautas atuais é que estão sendo sancionadas negativamente. Dessa forma, a feminista que enuncia se blinda desse argumento apresentando os propósitos que norteiam o Feminismo em: “Nossa luta é a equidade entre os gêneros e um mundo mais justo pra todos”. Nesse enunciado encontramos a presença de um processo relacional intensivo identificativo que estabelece a *justiça social* e a *equidade entre gêneros* como entidades identificadoras do Feminismo (*participante identificado*). Houve com isso um discurso de resistência feminista a prática discursiva do antifeminismo que limitava e marginalizava as pautas da luta feminista. Para isso, foi necessário representar o Feminismo como um movimento que busca a justiça, a liberdade e a equidade social.

5. CONCLUSÃO

Através do aporte do sistema de transitividade de Halliday (1994) e da Análise de Discurso Crítica de Fairclough (2011) foi possível a interpretação léxico-gramatical do *corpus* coletado, a qual nos permitiu concluir que a mobilizaçãodos processos relacionais, verbais, materiais e mentais que se sobressaíram nessa análise, além dos participantes que protagonizaram e foram beneficiados nos excertos selecionados e a seleção de itens lexicais que marcavam as circunstâncias de tempo e modo que moldaram as práticas discursivas feministas, foram mecanismos necessários para que reconhecêssemos como o mundo é representado e experienciado pelas feministas e antifeministas. Para aquelas, as mulheres são livres para escolherem sobre seus corpos, futuro e vida, e homens e mulheres possuem direitos iguais. Para essas, as mulheres devem se limitar a afazeres domésticos e no âmbito da família, além de terem seus corpos censurados por padrões estéticos conservadores, às mulheres destina-se o papel de submissas ao patriarcado.

A partir disso, pudemos identificar que o contradiscurso feminista prestigia tanto o *querer* quanto o *poder de escolha* das mulheres, contribuindo para a construção de uma imagem identitária de sororidade, respeito, igualdade, empatia e de tolerância dentro do movimento feminista. Assim, as práticas discursivas feministas revelam uma luta em refutar o *não-lugar* destinados as mulheres nas práticas sociais conservadoras do antifeminismo.

Os campos semânticos da obrigação, dos afazeres domésticos e da família estão em evidência no refluxo do discurso de ódio às mulheres e são desconstruídos a partir da consolidação de um discurso hegemonicamente feminino que luta por equidade, justiça, liberdade e empoderamento feminino. Foi possível observar, então, que o discurso feminista é forjado na valorização e reconhecimento dos desejos e escolhas das mulheres.

Dessa forma, verifica-se que a prática discursiva feminista busca desarticular e desnaturalizar as crenças e os valores que sustentam o sistema de dominação capitalista, patriarcal e machista perpetuado na estrutura social que estamos inseridos e que servem de munição para o discurso de ódio às mulheres presente no discurso antifeminista. A voz da mulher feminista que emerge nos discursos analisados denuncia a urgência em revelar as estruturas de poder que marginalizam, silenciam, punem e excluem socialmente as mulheres que transgridem as normas sociais alimentadas pelo sistema social opressor do conservadorismo e evidenciadas nos discursos antifeministas e apequenam os sonhos e vontades dessas mulheres.

The transitivity system and feminist resistance to hate speech against women

ABSTRACT: This article is an excerpt from a dissertation on linguistic-discursive strategies adopted by feminists in the fight against anti-feminist hate speech. Seeking to deepen the theoretical proposal of the Transitivity System (HALLIDAY, 1994) and align it with Critical Discourse Analysis (FAIRCLOUGH, 2001), this article seeks to analyze how feminists articulate the lexicogrammatical resources of their discourses to deconstruct and combat antifeminist hate speech against women. The methodology used is of a qualitative nature through which we generated a *corpus* of feminist resistance, extracted from the fanpage *Empodere duas Mulheres*, consisting of three feminist comments from 2018 that counter-argue with discourses historically shared in patriarchal societies and inflamed by anti-feminism. Data analysis allowed us to arrive at relational, verbal, material and mental processes, circumstances of time and mode and participants who benefit and act in Feminism. The identification and semantic interpretation of these entities in the context in which they were inserted show that there is feminist resistance to hate practices in reductionist, conservative and sexist discourses of anti-feminism. Thus, the conclusion is that Feminism is experienced and socially represented in feminist discourses as an empathetic and inclusive movement that fights for freedom and equality between genders, female empowerment and denounces sexist practices and social oppression.

KEYWORDS: Feminism. Hate Speech. Resistance.

REFERÊNCIAS:

ABREU, Sergiana Cortez de. O contradiscurso de resistência feminista em interações online:estratégias no combate ao antifeminismo. 2020. 232f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-graduação em Linguística, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2020.

ALBU, Débora. Ciberfeminismo no Brasil:construindo identidades dentro dos limites da rede.In: Seminário Internacional fazendo gênero 11 & 13th Women’s Worlds Congress, 2017, Florianópolis,**Anais Eletrônicos**, Florianópolis, 2017, ISSN 2179-510X.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1992].(Tradução Paulo Bezerra).

BUTT, D. et al. **Usingfunctional grammar: na explorer’sguide**. Sydney: Macquire University, 1995.

COSTA, Suelly Gomes. **Onda, rizoma e sororidade como metáforas: representações de mulheres e dos feminismos**. (Paris, Rio de Janeiro: anos 70/80 do século XX). Revista IINTERThesis, Florianópolis, v. 6, n. 2, p. 4, 2009.

CRUZ, Maria Helena Santana; DIAS, Alfrancio Ferreira. **Antifeminismo**. Revista de Estudos de Cultura da UFS/Publicação do Núcleo de Estudos de Cultura – nº 1. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2015. P. 33-42. Disponível em acesso em 15/Out/2018.

FAIRCLOUGH, N. A. **Discurso e Mudança Social**. Coord. Trad. I. Magalhães. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2001.

FALUDI, Susan. **Backlash: o contra-ataque na guerra não declarada contra as mulheres**.Tradução de Mário Fondelli. Rio de Janeiro: Rocco: Gênero Plural, 2001.

FIGUEIREDO, Rubens. **Junho de 2013: A Sociedade enfrenta o Estado**. A “espiral do silêncio” e a escalada da insatisfação.São Paulo: Summus Editorial, 2014.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar**. Londres: Edward Arnold, 1994.

HALLIDAY, M. A. K. **Language and Experience**, Educational Review, 1968. <DOI:10.1080/0013191680200203> Acesso em: 12 mai. 2021.

HALLIDAY, M. A. K. **Language as Social Semiotic**.London: Edward Arnold, 1978.

HIMMELSTEIN, Jerome L. – **The Social Basis of Antifeminism:Religious Networks and Culture**.Journal for theScientificStudyofReligion Vol. 25, No.1 (Mar., 1986), p. 1-15.

LANGNER, A.; ZULIANI, C. S.; MENDONCA, F.**O Movimento Feminista e o Ativismo Digital: conquistas e expansão decorrentes do uso das plataformas online**. In: 3o Congresso Internacional de Direito e Contemporaneidade: Mídias e Direitos na Sociedade em Rede e V *Revista Gatilho*, Juiz de Fora, v. 25, p. 206-231, 2023 – ISSN: 1808-9461

Congresso Iberoamericano de Investigadores e Docentes de Direito e Informática, 2015, Santa Maria. 3o Congresso Internacional de Direito e Contemporaneidade: Mídias e Direitos na Sociedade em Rede e V Congresso Iberoamericano de Investigadores e Docentes de Direito e Informática. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2015. Disponível em <<http://coral.ufsm.br/congressodireito/anais/2015/3-12.pdf>> acesso em 24 maio 2021.

LEMOS, Marina Gazire. Ciberfeminismo: novos discursos do feminino em redes eletrônicas. **Dissertação** (Mestrado) - Mestrado em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: 2009.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIMA, Raul Alves Barreto. Os feminismos e suas vozes: uma leitura junguiana das experiências de mulheres participantes de coletivos feministas. 2018. 252f. Dissertação (Mestrado em Psicologia: Psicologia Clínica) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/21818>. Acesso em: 11 nov. 20.

RESENDE, Viviane de Melo, RAMALHO, Viviane. **Análise do discurso crítica**. São Paulo: Contexto, 2009.

RESENDE, Viviane de Melo. **Análise de Discurso Crítica: uma perspectiva transdisciplinar entre a Linguística Sistêmica Funcional e a Ciência Social Crítica**. 33rd International Systemic Functional Congress. 2006. Disponível em: <https://www.pucsp.br/isfc/proceedings/Artigos%20pdf/53cda_resende_1069a1081.pdf>. Acesso em: 09 jan de 2021.

SCHMIDT, Rita Terezinha. Refutações ao feminismo: (des)compassos da cultura letrada brasileira. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 14, n. 3, p. 765-799, dez. 2006. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/ref/a/gM3xghvwWwdNhhjpwRFFTCQ/?lang=pt>> acesso em 27 out. 2021.

SCHREIBER, Ronnee – **The Oxford Handbook of U.S Women’s Social Movement Activism**. Oxford University Press (2017) “Anti-Feminist, Pro-Life and Anti – ERA Women”. Editado por Holly J. McCammon, Verta Taylor, Jo Reger and Rachel L. Einwohner.

SOUZA, M. M. de. **Transitividade e construção de sentido no gênero editorial**. Recife, 2006. **Tese** (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco.

ZIRBEL, I. **Estudos feministas e estudos de gênero no Brasil: um debate**. 2007. **Dissertação** (Mestrado em Sociologia Política) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.